



## VIVÊNCIAS EM ESPAÇOS EDUCACIONAIS E SUA RELAÇÃO COM A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE HOMOSSEXUAL

Andréa Forgiarini Cecchin<sup>1</sup>

### Resumo

O estudo problematiza a relação entre a constituição das identidades homossexuais de oito homens adultos e suas vivências em espaços educativos. Fundamenta-se nas contribuições da Psicologia Social Crítica (CIAMPA, 2001; JACQUES, 1998) e nos estudos de Trevisan (2000), Green (2000), Mott (2003) e Nunan (2003). Como perspectiva metodológica utiliza a Análise Compreensiva de Base Fenomenológica (BERNARDES, 1989). As vivências em espaços educativos marcam a constituição das identidades homossexuais, pois produzem maneiras singulares de relacionamento consigo mesmo e com o mundo. O esforço de superação da condição de discriminação e preconceito, que configura movimentos de resistência nos planos individual e social, imprime significados distintos na constituição das identidades homossexuais.

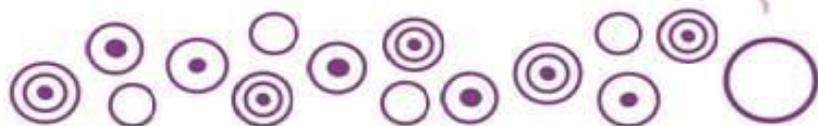
**Palavras-chave:** Identidade homossexual. Espaços educativos formais. Preconceito.

Este trabalho é um recorte da pesquisa desenvolvida em 2007 que culminou com meu doutoramento. No entanto, cada vez que retomo sua leitura, constato, com tristeza que, mesmo passados dez anos, essa escrita permanece atual: na escola as vivências de discriminação e preconceito parecem ter se acirrado, homossexuais são mortos em todo país, jovens se suicidam por não conseguirem assumir, em uma sociedade tão preconceituosa, sua orientação afetivo-sexual. Assim, creio ser pertinente discutir alguns achados daquela época que permanecem tão contemporâneos.

A pesquisa problematizou a relação entre a constituição das identidades homossexuais de homens adultos e suas vivências em espaços educativos. Como ponto de partida para desenvolver o estudo, foram formuladas questões que focalizavam percepções e sentimentos desses indivíduos em relação a si próprios e aos outros, tendo em vista suas vivências nesses espaços educativos e, especialmente, suas experiências de discriminação e resistência.

Os sujeitos deste estudo foram oito homens adultos que se identificam como homossexuais. A seleção desses sujeitos foi feita pela técnica denominada *snowball sampling* (amostragem por “bola de neve”), na qual um sujeito indica outro participante, que indica

<sup>1</sup> Doutora, Professora Associado 2 do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal de Santa Maria, afcechin@gmail.com





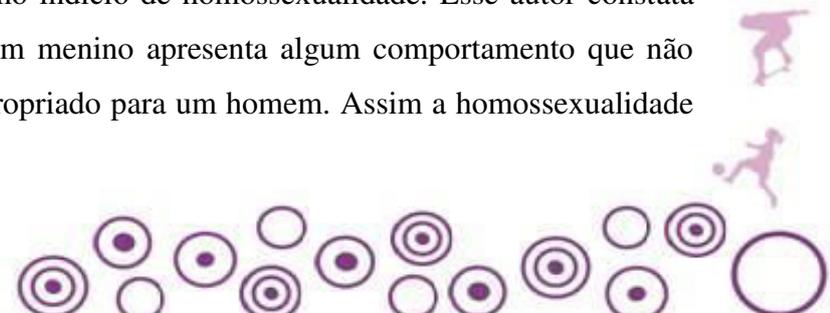
outro e assim por diante. Para coleta dos dados, utilizou-se a entrevista individual e por tópicos. Os dados obtidos foram analisados de acordo com o método da Análise Compreensiva de Base Fenomenológica (BERNARDES, 1989).

Assim como Louro (1997), Ferrari (2000), Nunan (2003), Carrara e Ramos (2005), acredita-se que o ambiente escolar é um dos locais onde os homossexuais vivenciam experiências de discriminação. A maioria dos sujeitos deste estudo tem consciência que começou a enfrentar o preconceito por ser homossexual no Ensino Fundamental. A manifestação desse preconceito ocorria distintamente: enquanto os alunos se valiam de piadinhas grosseiras, apelidos pejorativos e também da agressão física, a atitude dos professores era mais dissimulada.

Ao falar sobre o comportamento dos alunos, Ferrari (2000) analisa que, quando esses discriminam e agredem outros meninos por serem homossexuais, estão colocando em prática um conjunto de representações construídas socialmente. Corroborando essa posição, Franklin (1998) caracteriza a violência contra homossexuais como uma expressão cultural de estereótipos e expectativas referentes ao comportamento feminino e masculino apropriado. Dessa forma, é possível compreender os ataques aos indivíduos que se diferenciam dos papéis de gênero tradicionais como uma forma socialmente aprendida de controlar o diferente, mantendo uma rigorosa distinção entre os gêneros.

Ao analisar as formas de violência na escola, Castro, Abramovay e Silva (2004) consideram que a discriminação contra homossexuais é assumida com mais naturalidade por estudantes do que o racismo e o sexismo. No ponto de vista dessas autoras, a homofobia é valorizada entre os jovens, sugerindo “um padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo” (p. 280). No imaginário da juventude, especialmente dos rapazes, aquele adolescente que humilha um homossexual se distingue dele e reforça sua masculinidade.

É possível perceber que as crianças, especialmente os meninos, conferem à homossexualidade um aspecto negativo e pejorativo. Nessa pesquisa é notório que tanto o agressor, quanto o agredido tinham consciência de que ser rotulado como **viado**, **bicha** ou **gay** era ofensivo, humilhante e, conseqüentemente, uma violência contra quem recebia tal categorização. Ferrari (2000) analisa que essas ocasiões indicam quais características ou condutas o grupo de meninos julga como indício de homossexualidade. Esse autor constata que as agressões surgem sempre que um menino apresenta algum comportamento que não condiz com o que o grupo considera apropriado para um homem. Assim a homossexualidade





é entendida como um símbolo negativo da identidade masculina, além de ser definida muito mais em função do que precisa evitar do que pela expressão do desejo:

Ser homem significa *não ser* feminino; *não ser* homossexual; *não ser* dócil, dependente ou submisso; *não ser* efeminado na aparência física ou nos gestos; *não ter* relações sexuais nem relações muito íntimas com outros homens; *não ser* impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, p. 117).

Os entrevistados lembram que alguns colegas, além das piadas e ofensas, ameaçavam espancá-los para *endireitá-los*.<sup>2</sup> O senso comum associa homossexualidade com sem-vergonhice, com um desvio de caráter, como se bastasse apenas um corretivo para retificar o comportamento considerado desviante.

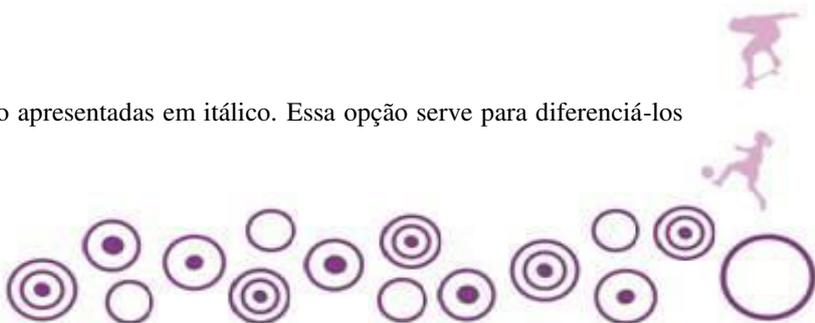
Um dos recursos utilizados pelos sujeitos da pesquisa para se defender do preconceito era o isolamento: chegavam à escola após o horário de entrada, não iam para o recreio ou se refugiavam na biblioteca. Alguns simplesmente ignoravam as agressões, enquanto outros tinham colegas que os defendiam. Um recurso utilizado por um dos sujeitos para proteção era ficar com o grupo das meninas, onde se sentia mais seguro.

O ocultamento parece ser o principal recurso utilizado por esses indivíduos para se protegerem da discriminação. A maioria refere que procurava *não se expor, manter a postura* e procurar *agir de modo normal*. Na visão desses sujeitos, a melhor forma de sobreviver em ambientes hostis é não deixar transparecer sua identidade sexual e parecer-se com um heterossexual. Por exemplo, quando sua identidade sexual era questionada, dois dos entrevistados negavam ser homossexuais e justificavam seu jeito de ser alegando terem sido criados apenas por mulheres. Outro entrevistado comenta que sua orientação afetivo-sexual só ficou evidente depois que ficou amigo de um rapaz, também homossexual, mas mais efeminado. Acredita que, a partir daí, sofreu mais com a discriminação porque ficou mais *visado*.

É fácil encontrar no senso comum a opinião de que uma das características da homossexualidade é o fato de um menino andar apenas com meninas. Em seu estudo sobre homoerotismo masculino no contexto escolar, Ferrari (2000) constatou que essa ideia faz parte não só do imaginário dos estudantes como também dos educadores. A forma encontrada por um dos entrevistados para se preservar do preconceito e esconder sua orientação afetivo-sexual foi não se isolar e permanecer junto aos outros meninos: *eu sentava sempre no fundo...*

---

<sup>2</sup> Todas as falas dos participantes da pesquisa são apresentadas em itálico. Essa opção serve para diferenciá-los das citações.





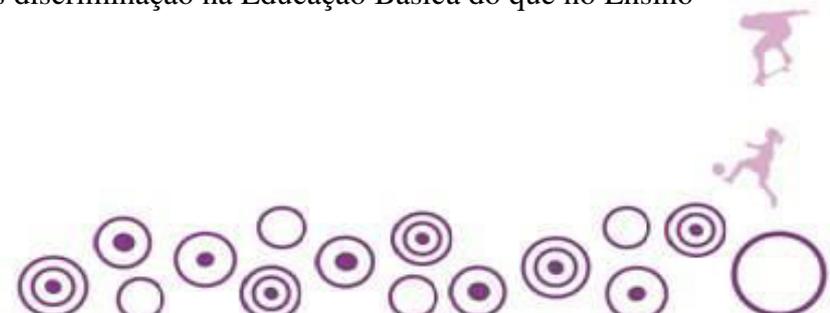
*e quando eu fiquei maior eu consegui perceber que, se eu ficasse isolado e não ficasse no grupo dos meninos, daí eu ficava muito mais visado e podia ser discriminado.*

O fator “sair do armário” parece ser determinante para a forma como os sujeitos deste estudo encararam a discriminação. Por exemplo, um deles relata: *depois que eu me assumi mesmo, aí eu não tinha... entrava na aula com todo mundo, saía e, se alguém fizesse alguma piadinha, eu batia boca e dava um sermão também.*

A forma encontrada por um dos sujeitos para resistir à discriminação na escola foi sobressair-se academicamente: *eu percebi que eu tinha que estar sempre... em alguma coisa eu tinha que ser melhor que os outros pra não ser espezinhado, eu tinha que mostrar alguma coisa que eu era melhor do que os outros pra poder me defender. E aí eu me destacava nas aulas. Eu tirava boas notas.* Dessa forma, era reconhecido pelos professores e aceito pelos colegas que o procuravam para realizarem trabalhos em conjunto e até mesmo para que ele os ajudasse na hora das provas com *colas*.

Ao falar sobre as vivências de preconceito na escola, um dos sujeitos declara que, comparando com o Ensino Fundamental, sofreu menos discriminação no Ensino Médio e, em comparação com esse nível de ensino, praticamente não foi discriminado na universidade. Outros dois também relatam que não foram discriminados no Ensino Superior. O primeiro acredita que isso ocorreu porque frequentou um curso onde a grande maioria dos alunos eram mulheres. O segundo analisa que tal fato aconteceu porque evitava se expor, procurava *agir de modo normal* e porque neste nível de ensino as pessoas *têm uma cabeça mais aberta*. Essa percepção talvez decorra da forma como o currículo do ensino superior é estruturado. Enquanto na Educação Básica os alunos convivem todo o turno e todo ano com os mesmos colegas, no Ensino Superior isso pode não acontecer, já que a matrícula é feita por disciplinas e, muitas vezes, a convivência é mais restrita do que nos outros níveis de ensino, favorecendo o processo de ocultamento da identidade sexual.

Uma pesquisa realizada com os participantes da Parada do Orgulho GLTB, ocorrida no Rio de Janeiro, em 2004, revela que 26,9% dos entrevistados foram marginalizados por colegas ou professores na escola ou na faculdade. Esse estudo constatou que a incidência do preconceito decresce conforme aumenta a faixa etária: quanto mais jovem o indivíduo, maior o preconceito enfrentado (CARRARA; RAMOS, 2005). A partir dessa análise é possível inferir que os homossexuais sofrem mais discriminação na Educação Básica do que no Ensino Superior.





A escola empenha-se em estabelecer e reafirmar as formas de masculinidade e feminilidade consagradas como referência e tudo que se distanciar dela é tido como anormal, desviante. Esse empenho foi vivenciado por três sujeitos deste estudo.

O primeiro relatou que uma professora das séries do Ensino Fundamental detectou *alguma coisa* nele e chamou seus pais na escola para uma conversar porque ele não se integrava com os colegas. Ele se revolta muito com a atitude da professora:

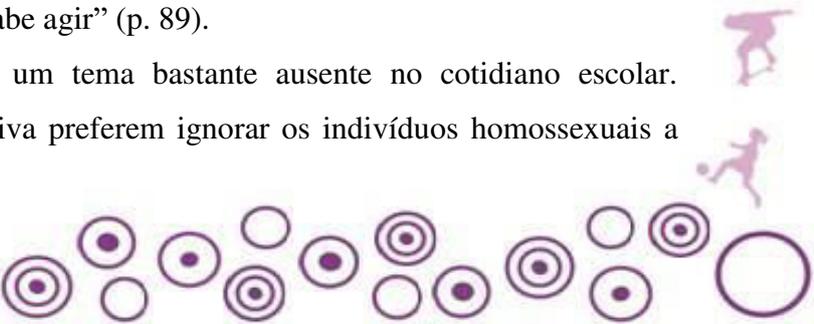
*se ela não tinha formação, podia pelo menos ter sensibilidade, ela chamou minha família, eu apanhei, porque eu queria ficar na biblioteca lendo - e que eu saiba gostar de ler não é indício de homossexualidade, a leitura não tem sexo – aí eu apanhei bastante.*

O segundo também guardava uma mágoa muito grande com a professora da terceira série do Ensino Fundamental por ter chamado seus pais à escola alegando preocupação porque ele convivia demais com as meninas e não se integrava com os meninos:

*tinha jogo de futebol na Educação Física e eu não gostava de jogar futebol e eu não conseguia jogar, não jogava direito. Aí essa professora chamou minha mãe na escola porque eu estava com problemas, que eu só andava com as gurias e que isso não podia que eu tinha que me relacionar com os gurus e não com as gurias.*

Embora não tenha clareza sobre o motivo, por volta dos onze anos, o terceiro entrevistado foi encaminhado a uma psiquiatra pelo Serviço de Orientação Pedagógica da escola. Gonçalves (1999) comenta que, muitas vezes, ao desconfiar que um aluno possa ser homossexual, os educadores o encaminham para um profissional de psicologia. Isso reforça a forte associação existente entre homossexualidade com desvio, com transtorno de comportamento, com uma doença que pode ser tratada. Geralmente a justificativa utilizada para esses encaminhamentos é a falta de conhecimento ou preparo para lidar com essa situação considerada problemática. Ferrari (2000, p. 70) relata que uma professora entrevistada afirmou que esse “problema” é mais comum no Ensino Fundamental e que tende a desaparecer até o Ensino Médio. Falou ainda que, quando identifica “tal tendência”, chama os pais, junto com a psicóloga da escola, para trabalharem com a criança. Da mesma forma, numa conversa com alguns educadores sobre sexualidade, ouvi o testemunho de uma orientadora pedagógica que acreditava ter auxiliado um menino a **superar** sua homossexualidade através de conversas com ele e com a mãe. Segundo Silva e Soares (2003) não é difícil encontrarmos educadores que tratam da homossexualidade como “um problema muito delicado com o qual a escola não sabe agir” (p. 89).

Parece que homossexualidade é um tema bastante ausente no cotidiano escolar. Educadores e equipe técnico-administrativa preferem ignorar os indivíduos homossexuais a





falar sobre o assunto e, principalmente, combater atitudes preconceituosas. Os argumentos para que isto aconteça são os mais diversos: é uma questão pessoal que não deve ser discutida na escola; é responsabilidade da família tratar dessa situação considerada problema; não são preparados para abordar o assunto.

Apesar da constatação de que a homofobia é resultado de um conjunto de representações construídas socialmente, tal explicação não pode servir de justificativa para a omissão dos educadores e da equipe técnico-administrativa da escola. Através dos anos, a escola tem sido vista como uma das instituições responsáveis pela formação dos indivíduos: as famílias e a sociedade como um todo passaram a buscar nela uma aliada para a educação de seus filhos e filhas. Assim, embora não possa alterar sozinha esse quadro de discriminação e preconceito, a escola ocupa um papel importante na transformação dessa situação.

Pelo relato dos sujeitos deste estudo, parece que a homossexualidade é vista por muitos educadores como um desvio de comportamento que pode ser superado com o auxílio da família ou de um profissional especializado. Se considerarmos que a escola é um espaço importante para a construção das identidades, tratar a homossexualidade como algo negativo e incorreto pode prejudicar esse processo, principalmente porque essas intervenções geralmente ocorrem no Ensino Fundamental, deixando os indivíduos confusos em relação a sua identidade sexual.

## Referências

- BADINTER, Elisabeth. **XY; sobre a identidade masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. **Crianças oprimidas: autonomia e submissão**. Porto Alegre, 1989. Tese. (Doutorado em Ciências Humanas e Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1989.
- CARRARA, Sérgio, RAMOS, Sílvia. **Política, direitos, violência e homossexualidade**. Pesquisa 9 Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004. Rio de Janeiro: CEPESC, 2005.
- CASTRO, Mary Garcia, ABRAMOVAY, Miriam, SILVA, Lorena. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- FERRARI, Anderson. **O professor frente ao homoerotismo masculino no contexto escolar**. Juiz de Fora, 2000. Dissertação. (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2000.





FRANKLIN, K. Unassuming Motivations: contextualizing the narratives of antigays assailants. In: HEREK, G. (ed.) **Stigma and Sexual Orientation**: understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals. Califórnia: Sage Publications, 1998. p. 1-23.

GONÇALVES, Eliane. Preconceitos, fobias e outras sombras que pairam sobre a educação sexual. In: RIBEIRO, Marcos. **O prazer e o pensar**. v. 1. São Paulo: Gente: Cores – Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999. p. 197-204.

LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade**: do preconceito aos padrões de consumo. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

